

Queer Buba: intersexualidade em cena na telenovela Renascer

“...shaved her legs and then he was a she
she says, hey babe, take a walk on the wild side
she said, hey honey, take a walk on the wild side.”¹

Matheus Santos²

Resumo

O artigo analisa a representação da intersexualidade na telenovela 'Renascer' através de Buba, única personagem intersexo na história da teledramaturgia brasileira. A análise tem por base a Teoria Queer e o texto faz parte de uma pesquisa maior que pretende analisar todos os personagens não-heterossexuais nas novelas produzidas pela Rede Globo de Televisão. Concluímos que, como é representada, Buba perturba as categorias fixas de gênero, podendo ser considerada uma personagem queer.

Palavras-chave: Intersexualidade - Representação - Telenovela - Teoria Queer

Introdução

O presente artigo faz parte de uma pesquisa muito maior. Trata-se de um projeto do grupo Cultura e Sexualidade (CuS)³, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e vinculado ao Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), que pretende analisar a representação de não-heterossexuais nas telenovelas produzidas pela Rede Globo de Televisão.

A proposta da análise usada pelo grupo surgiu a partir de problematizações de metodologias desenvolvidas por Moreno (2001) e Peret (2005), nos quais os autores analisam a representação de personagens homossexuais no cinema e em telenovelas, respectivamente.

Enquanto a representação de personagens gays afetados é entendida pelos autores como algo que colabora para a reduplicação do preconceito e homofobia, acreditamos que tal questão não pode ser simplificada desta forma, pois se estes sujeitos existem na nossa dita realidade, por que representá-los seria agressivo ou desvantajoso para o movimento LGBTTTT?

Através de uma perspectiva queer, buscamos em nossas análises avaliar em que medida os

¹ 'Walk on the Wild Side', Lou Reed (Transformer, 1972)

² Graduando em Produção em Comunicação e Cultura na Facom – UFBA. Pesquisador do grupo Cultura e Sexualidade (CuS), vinculado ao Cult – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – matheus2099@gmail.com

³ Para conhecer o projeto e ler algumas das análises publicadas pelos integrantes do CuS acessar:
http://www.cult.ufba.br/pesq_cult_sexualidade.htm

personagens não-heterossexuais conseguem se desvencilhar da heteronormatividade e em que proporção essa normativa é reiterada. São os personagens causadores de um riso maldoso por parte dos telespectadores ou provocariam eles reflexões acerca da continuidade (ou descontinuidade) entre sexo, gênero, sexualidade e práticas sexuais?

A análise foi desenvolvida a partir de aspectos que contribuem para a representação da personagem, como sua gestualidade, posição social, cor, posição no enredo, diálogos, etc. Desta forma pudemos avaliar seu grau de visibilidade na trama e a sua redução ou não à intersexualidade. Avaliamos também como a personagem se apresenta ao público, qual o seu discurso em relação à própria sexualidade e gênero e como ela age, performativamente, para que seja compreendida como uma mulher.

Toda a análise tem por base a Teoria Queer por partir do pressuposto de que tanto o gênero quanto o próprio sexo são dados construídos culturalmente, em detrimento de uma visão essencialista. Deste modo entendemos que categorias como sexo, gênero, sexualidade e desejo não podem ser entendidas de modo linear e a partir da heterossexualidade, de forma que o sexo feminino implique, necessariamente, numa mulher heterossexual que sente prazer de uma determinada forma, através de determinada prática.

Os chamados *Queer Studies* defendem que as categorias citadas acima podem ser embaralhadas livremente produzindo sujeitos diversos, alguns mais, outros menos afinados com a normativa heterossexual (heteronormatividade).

Embora o que esteja em questão em *Renascer* não seja, num primeiro momento, a heterossexualidade ou não da personagem central deste artigo, a análise da telenovela se faz imprescindível para nós por tratar-se da primeira, e até então única, personagem intersexo em toda a história da teledramaturgia brasileira. Em meio à hegemonia esmagadora de personagens facilmente entendidos como homens ou mulheres, está Buba, intersexo de aspecto bastante feminino obcecada pela idéia de ter um filho e que rejeita submeter-se à “cirurgia genital”: um prato cheio para os mais chegados aos estudos queer.

Para realizarmos esta análise utilizamos cenas da segunda exibição da novela na sessão *Vale a Pena Ver de Novo*, que, apesar de ter seu tempo reduzido em relação a original, continua sendo um objeto de análise que nos permite pensar a intersexualidade, e, por conseguinte, as relações de gênero e sua presumível fixidez.

Renascer

Renascer pode ser considerada uma telenovela de sucesso da Rede Globo de Televisão. Foi dirigida por Benedito Ruy Barbosa após o sucesso do autor com a novela *Pantanal*, exibida pela

Manchete, em 1990. Contava com um elenco formado por atores reconhecidos por seus trabalhos na teledramaturgia brasileira, como Antônio Fagundes, Osmar Prado, Fernanda Montenegro entre outros e também os então estreantes Leonardo Vieira, Jackson Antunes, Maria Luísa Mendonça, Marco Ricca, Paloma Duarte e Isabel Fillardis. A novela alcançou uma média de 60 pontos no Ibope na sua primeira exibição em 1993 e 27 pontos quando exibida na sessão *Vale a Pena Ver de Novo*, no ano de 1995⁴.

Na novela foram discutidos temas diversos. Segundo Romano, em *Renascer*,

a mescla daquilo que é politizado e polêmico com as fortes emoções oferecidas pelas histórias de amor e paixão é ainda atravessada pelos grandes temas que povoam o cotidiano familiar: os conflitos familiares entre pais e filhos, a maternidade, o casamento e a morte. Temas explorados sob uma perspectiva moralizante e libertária, no sentido de “mostrar o certo”, o que “deve ser feito”, mas a partir de princípios que condenam práticas autoritárias, misóginas e preconceituosas. (ROMANO, 2002, p.14)

Através da personagem Buba (Maria Luiza Mendonça), a intersexualidade, tema que aqui nos interessa, foi posta em cena, e o assunto teve grande visibilidade no país. No ano de exibição da novela, muito foi discutido em revistas, jornais e televisão sobre o hermafroditismo. A primeira reportagem sobre o tema na revista *Veja* (VEJA, 1993) aconteceu mesmo antes da estréia da novela, e levava o seguinte título: *João que era Maria – Renascer, a nova novela das 8, apela para uma aberração sexual – um hermafrodita*⁵. O conteúdo da matéria é ainda mais preconceituoso e ofensivo, revelando o despreparo da revista para tratar do assunto e também o modo como a mídia em geral vem tratando a intersexualidade no Brasil: sempre através de um viés médico-disciplinar que trata a intersexualidade como uma anomalia a ser corrigida.

Análise

Dados gerais do produto

Título: *Renascer*

Diretores: Luiz Fernando Carvalho, Emílio di Biasi e Mauro Mendonça Filho

Autor: Benedito Ruy Barbosa

Elenco principal: Leonardo Vieira (Zé Inocência) e Patrícia França (Maria Santa) – primeira fase. Antônio Fagundes (Zé Inocência), Marcos Palmeira (João Pedro), Adriana Esteves (Mariana) – segunda fase.

Elenco mais diretamente ligado com a temática homossexual: Maria Luiza Mendonça (Buba), José Venâncio (Taumaturgo Ferreira), Teca (Paloma Duarte), José Augusto (Marco Ricca)

⁴ Os números do Ibope podem ser conferidos em: <http://audienciabrasileiradstv.wordpress.com/2010/04/12/audiencia-de-renascer/> (acessado em 02/05/2010)

⁵ Recentemente, a revista *Veja* disponibilizou todos os seus exemplares, de forma gratuita, em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

Tempo de exibição: De 8 de março a 13 de novembro de 1993. Capítulos com duração aproximada de 60 minutos, exibidos de segunda a sábado, por volta das 21h, no total de 213 capítulos. A novela foi reprisada entre 14 de agosto de 1995 e 1º de março de 1996, desta vez de segunda a sexta, em 145 capítulos, por volta das 14h20.

Resumo do enredo:

Renascer conta a saga de José Inocêncio (Leonardo Vieira /Antônio Fagundes), fazendeiro que, ao chegar à região sul da Bahia, finca um facão aos pés de um grandioso Jequitibá, ato que passa a simbolizar a sua coragem e sonho de viver por muito tempo.

Vivendo numa fazenda cacauieira com a mulher Maria Santa (Patrícia França), Inocêncio tem quatro filhos: José Augusto (Marco Ricca), José Bento (Tarcísio Filho), José Venâncio (Taumaturgo Ferreira) e João Pedro (Marcos Palmeira), o caçula ao qual José Inocêncio atribui a culpa pela morte da mãe, no parto.

João Pedro e José Inocêncio têm uma relação conflituosa, que é acirrada quando o pai resolve se casar novamente, anos mais tarde, com Mariana (Adriana Esteves), por quem João Pedro é apaixonado e que é muito mais nova do que seu pai.

Para anunciar seu casamento com Mariana, Inocêncio convida todos os filhos e suas respectivas mulheres para uma reunião urgente na fazenda, ocasião em que Zé Venâncio deixa sua mulher, Eliana (Patrícia Pillar), para assumir o seu relacionamento com Buba (Maria Luiza Mendonça), que na certidão de nascimento leva o nome de Alcides.

A partir de então, muitas histórias paralelas se desenvolvem. No que diz respeito a Buba, personagem central neste artigo, diversos acontecimentos a põem em evidência.

Eliana contrata o detetive Egberto (José de Abreu) para seguir Zé Venâncio e descobrir por quem foi trocada. O detetive suspeita que Buba seja uma travesti, até que depois de muito tempo descobre o seu segredo.

Buba, que já expressa vontade de ter um filho, depois de ouvir o pedido do seu sogro para que o faça, leva a sério a idéia e decide visitar a *Casa da Mãe Solteira*, um abrigo para mulheres grávidas com dificuldades financeiras. Lá ela conhece a adolescente Teca (Paloma Duarte) e a convence a dar o filho que espera para que ela e Zé Venâncio adotem escondido de Inocêncio. Teca aceita o pedido e vai morar com Buba e Venâncio até que resolve contar a ela que o filho que espera será provavelmente negro, o que não convenceria Inocêncio de que o menino é seu neto.

Com a morte de Zé Venâncio, Buba e Teca decidem dizer que o filho que a menina espera é herdeiro de Inocêncio. A partir de então, Inocêncio abre as portas de sua fazenda para que as duas morem.

Algum tempo depois Buba se envolve com José Augusto, irmão de Venâncio, com o qual mantém um relacionamento até o fim da novela, mesmo após Inocêncio descobrir toda a farsa. No decorrer da novela os outros personagens, pouco a pouco, vão descobrindo que Buba é uma intersexo.

Aspectos fixos do personagem: "Posição do personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida." (Moreno, 2001, p.167).

Apesar de não ser protagonista, Buba é uma personagem com bastante visibilidade na trama, participando de diversos momentos importantes em *Renascer*.

"Contexto social do personagem: a que classe ele pertence" (Moreno, 2001, p.167):

Buba mora sozinha num apartamento grande, porém sem muito luxo. O que nos leva a acreditar que pertence à classe média.

Cor: Branca.

Profissão: Não conseguimos identificar a profissão da personagem.

Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem:

Tipos de gestualidade:

1. estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa à personagem homossexual;
2. gestualidade típica de alguns sujeitos queer, especialmente os adeptos de um comportamento/estética camp;
3. não estereotipada (gestual considerado "normal" e "natural", sem indicação de homossexualidade, inscrito dentro de um comportamento heterossexual);

A personagem pode ser encaixada no item 3.

"Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem" (Moreno, 2001, p. 167):

Buba está sempre com vestidos estampados e usando brincos. Usa também um forte batom vermelho e lápis de olho preto que contrastam com sua pele branca.

Análise de seqüências: "É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (em nosso caso a telenovela) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento." (Moreno, 2001, p. 168):

Seqüência I

Buba e Zé Venâncio estão numa boate comemorando dois anos de relacionamento. De mãos dadas, os dois sentam e começam o diálogo:

Buba: To com frio...

Zé Venâncio: Eu te aqueço, meu amor, eu te aqueço... *(Zé Venâncio cobre Buba com um casaco e acaricia seus cabelos)*

Buba: Ta tão quieto...

Zé Venâncio: Desculpa, eu tava viajando... *(Eles se abraçam e a câmera foca o rosto de Buba)*

Buba: Algum grilo?

Zé Venâncio: Não, não é nada, tava só pensando

Buba: Eu não gosto de te ver assim não, meu amor. *(Buba acaricia o rosto de Zé Venâncio)*

Zé Venâncio: Esquece...

Buba: ‘Vamo’ dançar, depois de um dia tão especial... Ou será que você não se lembra?

Zé Venâncio: Se eu não me lembrasse você não estaria aqui comigo. *(Zé Venâncio abraça Buba)*

Buba: Ai, ‘vamo’ dançar, Zé, vem... *(Buba se levanta)* vem dançar comigo, vem... *(Zé Venâncio se levanta acariciando Buba dos quadris aos ombros, terminando o gesto num abraço)*
Hum... Coisa mais linda que você me disse, meu amor...

Zé Venâncio: Dois anos, meu amor...

Buba: De felicidade! Bendito o dia que eu te conheci.

Zé Venâncio: Eu jamais poderia imaginar.

Buba: Ta arrependido?

Zé Venâncio: Se eu tivesse você não estaria aqui comigo.

Buba: É a segunda vez que você me diz isso hoje, me dá medo...

Zé Venâncio: Esquece, ta? Esquece...

Buba: É que eu fico pensando muito no teu pai, Zé... Fico pensando nos teus irmãos. Me dá uma insegurança tão grande essa tua preocupação de que eles nunca vão poder saber de nada nunca.

Zé Venâncio: Você quer o que, que eu te leve pra fazenda e apresente minha família?

Buba: Me leva no banheiro?

Zé Venâncio: É pra lá. *(vão para a esquerda)* Ah, não, é pra lá. *(vão para a direita)*
(Corte para os dois andando, como se Buba já tivesse ido ao banheiro)

Buba: Eu sou a outra, não sou tua mulher.

Zé Venâncio: Você seria, se fosse. *(os dois param de andar)*

Buba: Não entendi...

Zé Venâncio: Se você fosse mulher de verdade.

Buba: Mas eu sou mulher, Zé. Tanto quanto a Eliana, se você quer saber. Aliás, você sabe disso. *(Buba toca o rosto de Zé Venâncio)*

Zé Venâncio: Eu sei. *(ele ri)* É claro que eu sei. *(ele abraça Buba)* Você é o que chamam de PHF, pseudo-hermafrodita feminino *(fala dando ênfase a palavra “feminino”)*, ou seja, um falso hermafrodita.

Buba: *(Buba sorri)* Parece que você não esqueceu...

Zé Venâncio: Não, eu decorei tudo direitinho. *(os dois riem)*

Buba: Bobo! Pois é, isso quer dizer que eu sou mulher mesmo, o médico me disse isso desde que eu tive a minha primeira menstruação.

Zé Venâncio: *(ele ri e dá um beijo na testa de Buba)* Linda!

(os dois descem as escadas para sair da boate)

Zé Venâncio: Eu nunca entendi porque você nunca operou se essa era a solução.

Buba: É, vai ver que eu era muito menina ainda, Zé, daí eu achava que eu era menino, aliás, todo mundo achava. Sei lá, eu tive medo, uma sensação de castração.

Zé Venâncio: Ué, então por que você não opera agora?

Buba: Porque agora eu tenho pavor, Zé!

Zé Venâncio: Buba, você teve coragem de enfrentar o preconceito, agora não tem coragem de enfrentar o problema físico, que é o mais fácil?

Buba: Mais fácil pra você! Mas a gente não veio aqui pra ficar falando disso, veio?

A cena transcrita acima se dá no sétimo capítulo e é a primeira aparição de Buba na novela. Nela podemos observar vários aspectos da personagem que serão reiterados no decorrer da trama.

Podemos perceber nessa cena como a dubiedade em relação ao sexo de Buba é tratada. Muitas vezes a personagem afirma que é uma “mulher de verdade”, mas volta e meia ela afirma que é hermafrodita, o mesmo faz Zé Venâncio. Em outro momento Eliana, ex-mulher de Venâncio, acredita que Buba é uma travesti e assim, através de nomenclaturas diversas, a estabilidade da sua categoria de gênero é sempre, de algum modo, abalada.

Nesta cena, Buba pede pra ser levada ao banheiro, pedido ao qual Zé Venâncio está pronto a atender, no entanto ele se confunde em relação a que lado seguir. Não fica claro para o espectador se ele pensou em levá-la ao banheiro masculino ou se simplesmente confundiu-se em relação à direção. No entanto essa breve hesitação em relação a que lado se dirigir pode ser entendida como uma das ferramentas do autor para provocar o espectador, lembrando-o sempre, que apesar da “aparência feminina”, Buba não é uma “mulher como as outras”.

Observemos, então, como se dá a apresentação de Buba ao público. Não se trata de uma narrativa de revelação, muito comum em filmes e telenovelas com personagens homossexuais, nos quais eles deixam dúvidas em relação a sua sexualidade para que, em determinado momento, revelem-se como gays ou lésbicas. No caso de Buba, embora não se trate exatamente de sua sexualidade, o *outing* é feito na primeira cena, de forma bastante didática. Zé Venâncio define-a como uma PHF, explicando ao público que a personagem é uma pseudo-hermafrodita feminino, salientando o fato de que *pseudo-* significa falso, o que garantiria a Buba o *status* de mulher.

De acordo com o saber médico-científico, o hermafroditismo é classificado em três diferentes tipos:

A classificação baseia-se na natureza da gônada presente e os três grupos básicos são o pseudo-hermafroditismo masculino (PHM = genitália ambígua com testículos), pseudo-hermafroditismo feminino (PHF = genitália ambígua com ovários) e hermafroditismo verdadeiro (HV = testículo e ovário com ou sem genitália ambígua) (DAMIANI e GUERRA-JÚNIOR, 2007)

Em *Herculine Barbin – Being the Recently Discovered Memoirs of a Nineteenth Century French Hermaphrodite*, Michel Foucault (1980) relata-nos que nem sempre a intersexualidade foi tratada como nos dias atuais. Segundo ele, por mais que encontremos registros de intersexos condenados a morte em tempos ancestrais e na Idade Média, também é possível encontrar relatos em que eram tratados de outra forma; decisões jurídicas que revelam que um corpo com características dos dois sexos era inteligível como tal. Aquele que era hermafrodita tinha que decidir por um sexo apenas quando estivesse prestes a se casar e o fato só se tornaria um problema se ele/ela voltasse atrás depois da decisão tomada.

Principalmente após o século XIX, segundo o autor, é que se pensou o sexo como algo que esconde uma determinada verdade e, por isso, ele também precisa ser um “sexo verdadeiro”. Nas palavras de Foucault:

...quando confrontado com um hermafrodita, o médico não estava mais interessado em reconhecer a presença de dois sexos, justapostos ou intercalados, ou em saber qual dos dois prevaleceu sobre o outro, mas antes, em decifrar o verdadeiro sexo que estava escondido por baixo das aparências ambíguas. Ele tinha, por assim dizer, que tirar o corpo do seu engano anatômico e descobrir o único sexo verdadeiro por trás dos órgãos que poderiam estar simulando o sexo oposto. Para alguém que sabia como observar e conduzir um exame, estas misturas de sexo não eram mais que disfarces da natureza: hermafroditas eram sempre “pseudo-hermafroditas”⁶. (FOUCAULT, 1980, viii-ix)

⁶ “When confronted with a hermaphrodite, the doctor was no longer concerned with recognizing the presence of the two sexes, juxtaposed or intermingled, or with knowing which of the two prevailed over the other, but rather with deciphering the true sex that was hidden beneath ambiguous appearances. He had, as it were, to strip the body of its anatomical deception and discover the one true sex behind organs that might have put on the forms of the opposite sex. For someone who knew how to observe and to conduct an examination, these mixtures of sex were no more than disguises of nature: hermaphrodites were always ‘pseudo-hermaphrodites’” (tradução nossa)

A fala de Zé Venâncio em relação à intersexualidade de Buba revela uma visão que exclui o sujeito que se encontra fora da divisão binária simplista homem/mulher. Nas palavras dos médicos Damiani e Guerra-Júnior (2007): “Já há vários anos, abolimos o termo intersexo dos diagnósticos, preferindo a expressão ADS, já que intersexo denota um sexo intermediário ou um terceiro sexo, o que não é adequado para os pacientes.” A sigla ADS significa “Anomalia de Diferenciação Sexual”, o que deixa claro o modo que a medicina ocidental vem tratando esses sujeitos: como anomalias, aberrações. De forma que o termo intersexo, por sua ambigüidade, é considerado inadequado mesmo para aqueles em que o enquadramento em apenas um sexo parece não ser suficiente.

Outro aspecto a ser observado nesta cena é o posicionamento de Buba em relação à cirurgia normativa, que seria o último detalhe para que ela pudesse ser considerada uma “mulher de verdade”. Em outra cena, no capítulo 34, ela retorna de um exame clínico muito feliz ao ouvir do médico que é uma mulher. Buba é novamente pressionada a realizar a cirurgia, desta vez por Zé Augusto, e continua categórica na sua afirmação de que não se submeterá ao procedimento.

A decisão de Buba parece contrastar com sua postura. Ao mesmo tempo em que seus atos e falas revelam uma grande aproximação da performatividade de gênero feminina tradicional e ela repete a todo instante que é uma mulher e que quer ter um filho, a cirurgia não é uma opção. Buba se sente mulher mesmo com “genitálias ambíguas”.

Seqüência II

Buba e Zé Venâncio conversam sobre a convivência com Teca e sobre a vontade de Buba ter um filho. Zé Venâncio sentado numa poltrona e ela sentada no chão, abraçando-o.

Zé Venâncio: É... É porque quando eu vim morar aqui com você eu jamais sonharia com essa história, jamais. Quando eu te levei lá pra fazenda do meu pai eu não podia supor que um papo dele com você, uma besteira que ele falou lá no meio de uma conversa, ia transformar isso aqui num circo.

Buba: Mas não foi só a conversa dele, ter um filho é uma necessidade que eu sinto, uma ansiedade.

(Ouve-se uma música de suspense enquanto Teca se aproxima da sala e começa a ouvir a conversa dos dois)

Zé Venâncio: Buba, de que jeito? *(Eles se olham)*

Buba: *(Buba volta a apoiar o rosto no peito de Venâncio).* “Cê” ta certo, Zé... É difícil falar que eu sou hermafrodita e engravidar.

(Corte para Teca fazendo cara de que não entendeu muito bem)

Teca: Hermafro... Hermafro o quê? *(Teca coloca a mão na cabeça)* Nossa!

(Volta a cena de Buba e Zé Venâncio, os dois estão abraçados na mesma posição)

Zé Venâncio: Eu adoro a mulher que você é, Buba, adoro! Você é muito mais meiga que a Eliana, muito mais feminina... Eu juro, muito mais. Você é mais sensível, eu adoro a tua fragilidade.

(Tem início um tema romântico)

Buba: Às vezes eu acho que foi um castigo eu ter nascido assim, a minha vida toda eu sofri com isso.

Zé Venâncio: Não, meu amor, então já tá na hora de você parar de sofrer, eu to aqui. Eu gosto de você como você é.

Buba: Mas você foi embora num primeiro momento...

Zé Venâncio: *(ele ri)* Ué, você queria o que? É muito louco um cara tá assim apaixonado do jeito que eu tava por você e, de repente, na hora H, I, J, K... *(Buba ri, como que sem graça, e abraça Venâncio mais forte)* Mas eu voltei, não voltei? Eu to aqui.

Buba: Mas vai ficar até quando?

Zé Venâncio: Ué, até quando for bom, até quando a gente se amar. Isso pode ser muito tempo, pode ser eterno. É só você parar com essa paranóia de ter filho.

(Eles se olham)

Buba: Por que você implica tanto com isso, Zé? Isso vai ser bom pra gente, imagina ter uma criança aqui, no meio da sala. *(Buba fala sorridente)*

Zé Venâncio: Parece simples, mas não é. Me diz uma coisa: como é que a gente vai registrar essa criança no nosso nome? Como filho legítimo de José Venâncio e Alcides?

(Corte para Teca em seu quarto)

Teca: Eu não entendi “chongas” do que eles falaram.

Nessa seqüência alguns fatores nos chamam a atenção. Em primeiro lugar, a vontade sempre reiterada por Buba de ser mãe. Em suas palavras, a maternidade para ela é uma “necessidade”, uma “ansiedade”. É muito comum a idéia de que uma mulher sem filhos é incompleta, como se a sua função no mundo não tivesse sido alcançada.

Por entendermos o conceito de representação a partir da ótica pós-estruturalista, o percebemos como constituinte e constituído do que chamamos realidade. As representações da mulher como mãe têm conseqüências na vida material, e assistimos, a todo instante a reiteração dessa associação nos mais diversos meios de comunicação.

Especialmente no dia das mães, são muito comuns os anúncios publicitários que reforçam essa idéia, como é o caso da campanha recém-lançada do Shopping Iguatemi, que trás Ivete Sangalo, cantora de bastante sucesso e apelo popular, dando seu depoimento sobre a experiência de

ser mãe: “No momento em que ele nasce você diz: ‘meu Deus, como é que vai ser? Então é por isso que eu to viva?’”⁷.

A maternidade, como necessidade e razão de viver, é reforçada também através das próprias telenovelas, nas quais o casal protagonista raramente chega ao fim da história sem realizar o sonho de ter filhos, e aqueles que não conseguem tê-los vivem sempre um problema a ser resolvido.

A pressão social em relação à maternidade já é bem forte em relação às mulheres ditas “normais” e Buba, que quer se afirmar como uma, não está de fora desta “ansiedade”. Para ela e para muitas mulheres, ser mãe torna-se, de fato, uma necessidade.

Um outro aspecto a ser observado é a reação de Teca ao ouvir a palavra “hermafrodita”. A hegemonia da identificação a partir da diferenciação sexual (que tem por base o binarismo homem/mulher) é tamanha que a existência de um sujeito que não se enquadre em uma determinada categoria é algo impensável para a maioria das pessoas. Ao descobrirem que Buba é intersexo, os outros personagens sempre reagem com espanto e admiração, como se estivessem diante de um enigma, algo que lhes desperta curiosidade, outros sentem nojo e alguns, como é o caso de Zé Augusto, desejo.

Assim como os personagens, os espectadores não conhecem o corpo de Buba e sua ambigüidade sexual provoca uma espécie de fascínio, seu corpo nunca é mostrado completamente nu e, no entanto, é sensualizado em diversas cenas, provocando a imaginação daqueles que tomam conhecimento da sua situação. Desta forma podemos aplicar à telenovela a fala de Chris Straayer (1996, p.75) sobre o cinema. Segundo a autora, “uma longa estória dos códigos culturais e cinematográficos determinou que o que quer que ‘deva’ ser escondido carrega poder erótico”⁸.

Podemos observar ainda o modo como Venâncio se dirige a Buba após ela dizer que é complicado imaginá-la hermafrodita e grávida. De acordo com o personagem, o que o atrai nela é exatamente o que ele, e as pessoas em geral, atribuem ao feminino: a meiguice, sensibilidade e fragilidade.

A divisão binária entre o que é essencialmente pertencente ao feminino e o que, por natureza, pertence ao universo masculino, é amplamente conhecida. Aos homens está reservada a razão, a coragem e a força, enquanto às mulheres restam a sensibilidade, fragilidade e docilidade.

Esta divisão opera principalmente no sentido político das relações humanas, uma vez que sustenta o fato dos homens ocuparem mais posições estratégicas nas mais diversas áreas devido a sua razoabilidade natural, enquanto às mulheres cabe o cuidado com a família e o lar, uma vez que

⁷ O comercial do Iguatemi pode ser assistido no link <http://www.youtube.com/watch?v=1LIMG16kRSs> (acessado em 04/05/2010)

⁸ “a long story of cultural and cinematic codes has determined that whatever ‘must’ be covered holds erotic power”.
(tradução nossa)

os aspectos sensíveis são nelas mais desenvolvidos.

É notável também como esse binarismo opera em cena através das posições dos personagens. São muito comuns as cenas onde Venâncio ou Zé Augusto estão acolhendo Buba em seus braços esteja ela chorando ou contente com algo. Na cena descrita acima, Buba está aos pés de Venâncio, sentada no chão, enquanto ele, na poltrona, a abraça por trás: ela sempre precisa de cuidados e eles estão sempre prontos a protegê-la.

Características gerais da personalidade do personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo etc.:

Na maioria das cenas Buba é uma personagem tranqüila, embora se exalte nas diversas discussões e situações de tensão que se encontra no decorrer da telenovela.

Aspectos sobre a sexualidade do personagem

Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:

Buba se assume verbalmente como hermafrodita e assim é chamada por aqueles que sabem do seu segredo. Preferimos o termo intersexo devido ao alto grau de estigmatização associado à palavra hermafrodita, sem, no entanto, condenarmos seu uso.

Em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é intersexo?

Na sua primeira cena, no sétimo capítulo, Buba e Zé Venâncio conversam sobre o fato dela ser intersexo, explicando de forma didática a condição da personagem ao público.

Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?

É interessante observarmos o posicionamento de Buba como uma mulher frágil e que precisa de cuidados. Sua voz manhosa, seu corpo lânguido, a necessidade de proteção são dados que, juntos, funcionam de modo a reforçar este aspecto débil da personagem. Buba se comporta como uma ‘mulherzinha’ e para isso precisa sempre reiterar essa condição, seja pedindo para ser aquecida ou então levada ao banheiro, seja pelo tom de sua voz quase chorosa ao fazer os pedidos ou pelos seus gestos tímidos.

São essas ações repetidas que permitem que Buba seja entendida como uma mulher, pois a performatividade não pode ser entendida como um ato singular, mas sim a repetição de um conjunto de normas pelas quais compreendemos os gêneros a partir de uma divisão binária, que define

qualidades e competências próprias a homens versus características e habilidades peculiares às mulheres, fazendo-nos perceber tudo de forma essencializada, afastando-nos do questionamento das normas e convenções sociais que são a todo o tempo repetidas/reiteradas. Segundo Judith Butler (2002, p.64), “não há sujeito que seja ‘livre’ para evitar essas normas ou examinar-las a distância. Ao contrário, estas normas constituem o sujeito de maneira retroativa, mediante sua repetição; o sujeito é precisamente o efeito dessa repetição”⁹.

Em sua performatividade de gênero, Buba assume de modo integral as práticas que a produzem como mulher. De acordo com Beatriz Preciado

Judith Butler definiu fortemente o gênero como um sistema de regras, convenções, normas sociais e práticas institucionais que produzem *performativamente* o sujeito que pretendem descrever. Através de uma leitura cruzada de Austin, Derrida e Foucault, Butler identificou o gênero não como uma essência ou uma verdade psicológica, mas como uma prática discursiva e corporal performativa através da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político.¹⁰ (PRECIADO, 2008, p.86)

A personagem pretende a todo instante se afirmar como mulher e assim ser reconhecida por todos e a sua performatividade de gênero a favorece nesse sentido, pois não deixa dúvidas quanto ao seu “gênero verdadeiro”.

Resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos intersexos na telenovela:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade queer, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos;

Resultado 3: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos;

Resultado 4: caracteriza os personagens dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.

⁹ “no hay sujeto que sea “libre” de eludir estas normas o de examinarlas a distancia. Al contrario, estas normas constituyen al sujeto de manera retroactiva, mediante su repetición; el sujeto es precisamente el efecto de esa repetición” (tradução nossa)

¹⁰ “Judith Butler ha definido agudamente el género como un sistema de reglas, convenciones, normas sociales y prácticas institucionales que producen *performativamente* el sujeto que pretenden describir. A través de una lectura cruzada de Austin, Derrida y Foucault, Butler ha identificado el género no como una esencia o una verdad psicológica, sino como una práctica discursiva y corporal performativa a través de la cual el sujeto adquiere inteligibilidad social y reconocimiento político” (tradução nossa)

A personagem Buba foi, de fato, controversa, causando incômodos aos que estavam acostumados a segurança de categorias de gênero bem definidas, sejam eles os telespectadores ou a própria mídia.

Na matéria anteriormente citada, publicada pela revista *Veja*, a autora/autor (que não a assina) mostra sua perplexidade diante do tema ser discutido em pleno “horário nobre” da televisão brasileira:

Nessa toada haverá infinitas possibilidades dramáticas a se explorarem em futuras novelas. Algumas sugestões: Marília Pêra viver um tórrido caso de amor com um canguru, Francisco Cuoco fazer o papel de irmãos siameses, Glória Menezes vivendo um travesti cego, surdo, mudo e ninfomaníaco, Tarcísio Meira como um homem-tronco tarado. Toda essa ambigüidade dentro, é claro, do padrão Globo de qualidade, levando um divertimento limpo e saudável aos espectadores. E chamando a atenção para problemas reais e generalizados, como é o caso do hermafroditismo. (VEJA, 1993. p.82)

O grau de preconceito da revista dá o tom do modo como a intersexualidade é geralmente tratada: algo irreal, não-saudável, sujo. Embora diversas entidades, como a Organização Internacional de Intersexuais (OII) ou a *International Gay, Lesbian, Bisexual, Trans and Intersexual Association* (ILGA) defendam o fim da cirurgia normativa compulsória em crianças intersexuais, a abordagem médica é sempre comum nos meios de comunicação, que parece, assim como a medicina ocidental, estar sempre interessada em como estes sujeitos podem ser “curados”.

Benedito Ruy Barbosa foi o único dramaturgo brasileiro a inserir o tema em uma de suas telenovelas. De acordo com Romano, a questão das minorias políticas, assim como instrumentos de poder e opressão são temas recorrentes nas obras do autor:

...pode-se afirmar que uma das principais características das telenovelas de Benedito Ruy Barbosa tem sido a ênfase na questão do poder: das práticas de instituições governamentais e sociais, como a Igreja, a Escola, os partidos e a família, até a expressão das redes de dominação presentes na intimidade e no relacionamento amoroso. (ROMANO, 2002, P.14)

Com exceção de *Renascer*, os intersexos são impensáveis nas telenovelas brasileiras. Ao escolher como representar os sujeitos que farão parte de determinada trama, os autores decidem quais seres humanos são socialmente inteligíveis: representar é tornar materialmente possível. Mas a representação não pode ser considerada, em si só, positiva ou verdadeira, cabe-nos analisar como se dá essa representação, que normas e práticas reitera e, principalmente, quais são excluídas.

Embora não esteja sempre presente, a música *Walk on the wild side*¹¹, de Lou Reed, é tema

¹¹ “Holly came from Miami, FLA / Hitch-hiked her way across the USA / Plucked her eyebrows on the way / Shaved her legs and then he was a she / She says, Hey babe / Take a walk on the wild side
She said, Hey honey / Take a walk on the wild side / Candy came from out on the Island / In the backroom she was everybody's darlin' / But she never lost her head / Even when she was giving head / Little Joe never once gave it away / Everybody had to pay and pay / A hussle here and a hussle there / New York City's the place where / Sugar Plum Fairy

recorrente nas cenas de Buba. Embora a música seja reproduzida apenas instrumentalmente, aqueles que, porventura, conhecem sua letra sabem o quão subversiva ela é. Trata-se de pequenos relatos de prostituição, travestismo e uso de drogas, temas comuns no álbum *Transformer* (1972), cujo título, por si só, é bastante *queer*. No entanto, tal trilha sonora parece inadequada diante da meiguice e fragilidade de Buba, uma mulher que exalta o tempo todo sua feminilidade e que sofre a necessidade da maternidade.

A performatividade de gênero da personagem pode facilmente ser classificada como heteronormativa, pois a todo instante reforça atitudes e características que formula os gêneros de forma binária, sempre a partir de uma matriz heterossexual, que põe homens e mulheres em extremos opostos, como que intangíveis.

Até então tudo parece um tanto “coerente”, não fosse o fato de Buba se negar veementemente a se submeter a cirurgias normativas. Ela se sente mulher do jeito que é: com batom, vestido e “genitais ambíguas”. Quando Venâncio sugere que enfrentar a cirurgia é mais fácil do que enfrentar o preconceito, a resposta de Buba é incisiva: “Mais fácil pra você!”

Buba perturba extremamente as categorias fixas de gênero, em uma atitude *queer* que desconcerta os que nunca pensaram em tais categorias como culturalmente constituídas e mesmo para os que já o fizeram. O corpo feminino com um pênis é algo inaceitável em nossa sociedade, por conta disso travestis são assassinados diariamente. Um corpo feminino com genitálias de ambos os sexos parece algo menos inteligível ainda.

Pelo modo como é representada a intersexualidade em *Renascer* consideramos que a personagem Buba possui elementos que permitem uma leitura *queer*, sendo ao mesmo tempo humanizada, com traços psicológicos complexos e que não a reduzem à intersexualidade, dando-a bastante visibilidade na trama, o que nos leva ao resultado 2 das categorias acima propostas.

Referências bibliográficas:

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

DAMIANI, Durval; GUERRA-JUNIOR, Gil. **As novas definições e classificações dos estados intersexuais: o que o Consenso de Chicago contribui para o estado da arte?**. Arq Bras Endocrinol Metab, São Paulo, v. 51, n. 6, ago. 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

came and hit the streets / Lookin' for soul food and a place to eat / Went to the Apollo / You should've seen 'em go go go / Jackie is just speeding away / Thought she was James Dean for a day / Then I guess she had to crash / Valium would have helped that bash."

_____. **Herculine Barbin: Being the Recently Discovered Memoirs of a Nineteenth-Century French Hermaphrodite.** Trad. Richard McDougall. New York: Pantheon Books, 1980.

MORENO, Antonio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro.** Niterói: EdUFF, 2001.

PERET, Luiz Eduardo Neves. **Do armário à tela global:** a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui.** Madrid: Editorial Espasa, 2008

ROMANO, M. C. J. S. **Campo da telenovela e construção social do autor.** In: XXV congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. Anais - XXV congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador : intercom, 2002. v. 1.

STRAAYER, Chris. **Deviant Eyes, Deviant Bodies** . New York: Columbia University Press, 1996.

VEJA, **João que era Maria** – Renascer, a nova novela das 8, apela para uma aberração sexual – um hermafrodita (p. 82 - 83). São Paulo: Editora Abril, 1993.